

Trabalho de Campo Integrado na Amazônia Meridional: a experiência da base comunitária agrícola em São Félix do Xingu -PA

Integrated Fieldwork in the Southern Amazon: The Experience of the Agricultural Community Base in São Félix do Xingu, PA

Trabajo de Campo Integrado en la Amazonia Meridional: La Experiencia de la Base Comunitaria Agrícola en São Félix do Xingu, PA

Hugo Rogério Hage Serra¹  <https://orcid.org/0000-0002-4026-8437>

Railson Luz Santos Mota¹  <https://orcid.org/0009-0001-9425-5463>

Bruno Cunha da Silva¹  <https://orcid.org/0009-0008-8054-4791>

Emerson Maurício Cutrin dos Santos¹  <https://orcid.org/0009-0004-5745-5660>

1 Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)  Marabá (PA), Brasil

Autor de correspondência: serra@unifesspa.edu.br

Recebido: 14 Ago. 2024. Aceito: 24 Set. 2024

Editor de seção: Hugo Rogério Hage Serra  <https://orcid.org/0000-0002-4026-8437>

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância do trabalho de campo integrado como recurso formador do profissional bacharel em Geografia através da experiência vivida na zona rural do município de São Félix do Xingu, localizado na porção sudeste do Pará. Através do princípio da floresta em pé como necessária para a manutenção e aumento da produtividade de culturas como o cacau, observa-se a importância da agricultura de base comunitária como conceito empírico e, ao mesmo tempo, recurso conceitual de base geográfica para o desenvolvimento de atividades econômicas agrícolas sustentadas em princípios alternativos ao desmatamento na Amazônia Meridional. Os resultados obtidos foram que, por meio de uma observação sistemática, do uso de entrevistas abertas e de reconhecimento da área, a produção agrícola obtém produção de culturas como cacau, hortaliças e congêneres estruturadas a partir de cooperativas, as quais são estruturas espaciais necessárias para a manutenção do sistema agrícola comercial. Por fim, o recurso do trabalho de campo integrado permite observar a realidade agrícola alternativa de São Félix do Xingu através de uma visão multidisciplinar dentro da Geografia, dando ao bacharel a possibilidade de entender fenômenos geográficos sob diversos aspectos.

Palavras-chave: Trabalho de Campo Integrado; Agricultura de Base Comunitária; Cooperativas; Amazônia; São Félix do Xingu.

Abstract

The objective of this work is to demonstrate the importance of integrated fieldwork as a formative resource for Geography graduates through the experience in the rural area of the municipality of São Félix do Xingu, located in the southeastern portion of Pará. By considering the principle of maintaining standing forests as essential for the productivity and increase of crops such as cocoa, the significance of community-based agriculture is observed as both an empirical concept and a conceptual resource grounded in geography. This approach supports the development of agricultural economic activities based on principles alternative to deforestation in the Southern Amazon. The results obtained showed that through systematic observation, open interviews, and area recognition, agricultural production includes crops such as cocoa, vegetables, and similar products structured through cooperatives. These cooperatives are spatial structures necessary for maintaining the commercial agricultural system. Finally, integrated fieldwork allows for the observation of the alternative agricultural reality of São Félix do Xingu through a multidisciplinary perspective within Geography, providing graduates the ability to understand geographical phenomena from various aspects.

Keywords: Integrated Fieldwork. Community-Based Agriculture. Cooperatives. Amazon. São Félix do Xingu.

Resumen

El objetivo de este estudio es demostrar la importancia del trabajo de campo integrado como recurso de formación para profesionales de Geografía a través de la experiencia en el área rural en la ciudad de São Félix do Xingu, localizada en el sudeste de Pará. Considerando el principio del bosque en pie como necesario para el mantenimiento y aumento de la productividad de cultivos como el cacao, observamos la importancia de la agricultura comunitaria como concepto empírico y al mismo tiempo, como recurso conceptual de base geográfica para el desarrollo de actividades económicas agrícolas basadas en principios alternativos a la deforestación en el sur de la Amazonia. Los resultados obtenidos fueron que, a través de la observación sistemática, el uso de entrevistas abiertas y el reconocimiento de la zona, la producción agrícola obtuvo cultivos como el cacao, las hortalizas y similares estructurados en base a cooperativas, que son las estructuras espaciales necesarias para mantener el sistema agrícola comercial. Finalmente, el recurso del trabajo de campo integrado permite observar la realidad agrícola alternativa de São Félix do Xingu a través de una visión multidisciplinar dentro de la Geografía, dando al Geógrafo la posibilidad de comprender los fenómenos geográficos desde diversos aspectos.

Palabras-clave: Trabajo de Campo Integrado. Agricultura comunitaria. Cooperativas. São Félix do Xingu. Amazonia.

Introdução

O curso de bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará possui a disciplina Trabalho de Campo Integrado – TCI – em sua proposta de projeto curricular. No âmbito desta atividade curricular, os alunos devem passar pela experiência de vivenciar um fenômeno geográfico em que a dimensão multidisciplinar deve dar o tom do desenvolvimento do próprio trabalho, o que leva os professores envolvidos explicarem a temática escolhida periodicamente a compartilharem o saber geográfico entre os colegas, para que, em comum acordo, os alunos desenvolvam a habilidade de exercitar o conhecimento geográfico fora do espaço acadêmico tradicional, a sala de aula.

São Félix do Xingu é um município localizado na porção meridional do estado do Pará distante 500k, cuja recente notoriedade nas mídias sociais tem sido difundida a partir de um retrato negativo do desmatamento, sendo este um recurso necessário para o pasto do gado, bem como para a plantação de commodities como a soja. A ocasião do trabalho de campo integrado nesse município permitiu a observação do contraste geográfico entre o que, de fato, é comum na realidade amazônica do Sul e do Sudeste do Pará (o desmatamento e o pasto) e a produção agrícola feita de forma alternativa, fortemente marcada pelo uso do cooperativismo e que concebe o conceito de floresta em pé (CRUZ et al, 2011) como estratégia tanto para a manutenção do ecossistema como para os ganhos produtivos advindos.

A realidade das famílias que produzem culturas orgânicas na zona rural de São Félix, grosso modo, podem ser identificadas de duas formas: a que toma o espaço agrário como recurso (SANTOS, 1996; HAESBAERT, 2004) para sobrevivência em um sistema que entende que essas pessoas são entraves à reprodução ampliada do capital ou que não circulam mercadorias conforme um ajuste espacial típico do capitalismo global (HARVEY, 2005); a segunda, em que o ato de produzir no campo é uma forma de produzir uma contra hegemonia ante à pressão dos grandes proprietários de terra, a saber, os latifundiários (MIRANDA, 2021). Na experiência do trabalho de campo integrado do curso de Geografia da Unifesspa, observa-se, de forma contínua, que existe uma autêntica forma de sobrevivência bastante particular no sudeste do Pará.

A partir do exposto, o trabalho em questão tem como objetivo central demonstrar a importância do trabalho de campo integrado como recurso formador do profissional bacharel em Geografia através da experiência vivida na zona rural do município de São Félix do Xingu, localizado na porção sudeste do Pará. A experiência in locu, por meio de entrevistas abertas e com reconhecimento da área feitas por uma observação sistemática só foi possível mediante ao dispositivo do TCI como recurso empírico-conceitual da Geografia.

O texto está subdividido, além desta introdução e da conclusão, em mais três partes. A primeira relaciona o trabalho de campo como conceito e como instrumento validador das experiências geográficas com o trabalho de campo integrado como suporte para a realização de atividades de campo feitas de forma multidisciplinar. A segunda parte do trabalho apresenta a cooperativa como meio difusor de uma economia orgânica onde se dá uma base comunitária agrícola. A última parte expressa a realidade observada em campo no ato da realização do TCI em São Félix do Xingu, evidenciando-se a realidade dos cooperados na zona rural desse município.

Trabalho de campo em Geografia e trabalho de campo integrado

Ainda que De Marcos (2006) afirme que seja desnecessário apontar a importância do trabalho de campo para a produção do conhecimento geográfico (com o sentido de dizer que há uma correlação inerente entre um e outro), faz-se mister dizer que este instrumento serve como um validador de leituras de mundo nas quais o geógrafo só tem a oportunidade de

entender mediante o universo das leituras ou, como diz Claval (2013), isso diz respeito à experiência pessoal como forma de assegurar o saber científico, só que, neste caso, o da ciência geográfica.

Como instrumento, o trabalho de campo interfere na realidade a fim de se produzir uma informação. Para Racine, Raffestin e Rufy (1983), por exemplo, o geógrafo sempre está envolto pela realidade que ele próprio tenta descrever e explicar. Ainda para esses mesmos autores, não se pode descrever a realidade separando-a dos elementos que a compõe; por outro lado, deve haver sempre o conceito mínimo de correlação, o que faz com que toda e qualquer intervenção do geógrafo na realidade contemple a pertinência necessária do fenômeno pesquisado. Desta forma, o trabalho de campo, por exemplo, funciona como esse instrumento mediador entre a realidade observada e a informação gerada pelo geógrafo.

O trabalho de campo ainda pode ser compreendido como a real possibilidade de se ultrapassar a representação espacial forjada na escala cartográfica – sobretudo com o uso de mapas e croquis – para imergir na escala geográfica, entendendo-a como a escala do fenômeno geográfico ou, dito de outra forma, a própria realidade (CASTRO, 1995). Mais do que isso, Castro (2014), em trabalho mais recente, afirma que a escala é a medida conferida pelo pesquisador para dar visibilidade ao fenômeno. Uma coisa, portanto, para a autora, é a própria realidade (aquilo que é maior), outra coisa é o que se quer ver dela. É nesse ponto que a escala se torna ferramenta muito utilizada no trabalho de campo, por exemplo.

Ao se tomar a realidade de São Félix do Xingu como recorte empírico da realização de um trabalho de campo, por exemplo, não se pode descolar de sua questão regional, na qual está devidamente conectada, por conter a particularidade de uma “Amazônia Meridional”, ao mesmo tempo em que a dimensão empírica de observação do que se quer tratar na visita em campo nos mostra. Em outras palavras, não se pode ter a dimensão do todo espacial percorrendo-o *ipsis literis*; todavia, tomando-se como ponto de partida o instrumental escolhido pelo geógrafo pesquisador, o mergulho a ser feito no fenômeno observado nos permite reter a informação desejada, desde que o trabalho de campo consiga verificar as hipóteses lançadas em um planejamento de campo.

A ideia tratada anteriormente é corroborada pelo que Serpa (2006) afirma sobre a importância de se compreender o trabalho de campo em Geografia na condição de uma particularidade imersa na totalidade do espaço geográfico, não se deixando levar, nesse caso, pela força dos aspectos naturais de um lado, e, de outro, pela influência excessiva dos aspectos antrópicos. Para Serpa (2006), caso o geógrafo recaia sobre essas velhas questões, ele reforça a clássica dicotomia entre natureza e sociedade. O trabalho de campo, assim, tem a capacidade de associar os arranjos espaciais do local com o quadro conceitual e empírico escolhido pelo pesquisador. Trata-se, ainda, de saber operacionalizar o ‘recorte espacial’.

Ainda sobre a ideia de recorte, outro autor que nos chama a atenção é Grataloup (2006). Sua ideia não é necessariamente sobre o tema ‘trabalho de campo’, mas o que se pode apreender de seu trabalho possui total conexão com a prática de um geógrafo em campo. Para esse autor, a escolha do recorte temporal é motor de uma boa compreensão geográfica sobre quaisquer fenômenos. Tomando-se esse mote como importante para a prática do trabalho de campo em um município como São Félix do Xingu, o recorte temporal associa-se ao contexto (espaço + tempo) na qual a atividade de campo se desenvolve. Dessa forma, há, grosso modo, duas formas de interpretação geográfica, sendo a primeira do tempo imediato – a escala do real observado – e, a segunda, da escala do tempo regional – da relação local-regional e, até mesmo, nacional-global – visto que, o que se produz em São Félix do Xingu não se autolimita, e sim, extravasa seu próprio território.

Observação e descrição são elementos clássicos da Geografia, os quais levam a atitudes de interpretação por meio de seleção (feitas nos recortes) desde que assumidas por um

conjunto conceitual do pesquisador (AZAMBUJA, 2012). Para além disso, essas mesmas atitudes são enrobustecidas quando praticadas sob a interdisciplinaridade.

No curso de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, em suas habilitações de licenciatura e bacharelado, a prática interdisciplinar ocorre na medida em que o trabalho de campo se desenvolve em forma de 'Trabalho de Campo Integrado', em que há a associação entre as atividades curriculares pelas quais o aluno formando cursa no período letivo, ampliando o conjunto de conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais necessários para a formação de futuros profissionais. Mais do que a junção de disciplinas, o TCI é também um estimulador da curiosidade efetividade *in locu* (SILVA, SILVA e VAREJÃO, 2010), o que permite superar a ideia obsoleta do todo como soma das partes e promover a ideia de totalidade como interação dialética e material feita entre coisas, objetos e sociedade (SANTOS, 1997).

No mesmo sentido de uma interdisciplinaridade, deve-se reconhecer a ação política que decorre de uma prática de um trabalho de campo em geografia. Nesses termos, Ab'Sáber (2003) começa seu trabalho da seguinte forma:

Todos os que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza – mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades (AB'SÁBER, 2003, p. 9).

A ideia defendida por Ab'Sáber (2003) é estendida no trabalho de Di Mauro (2024), em que a ideia de herança da paisagem vai ao encontro das culturas existentes em cada bioma, o que nos permite entender o conceito orgânico de paisagem pela intrínseca relação sociedade(s) – natureza. Essa conclusão só foi permitida devido à profunda observação do espaço geográfico, de suas peculiaridades da paisagem e do habitat feita pelo grande geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber. Di Mauro (2024) ainda destaca a constante preocupação de Ab'Sáber em romper com o divisionismo entre Geografia Física e Geografia Humana ao entender que os domínios morfoclimáticos transcendem a sua própria paisagem, o que nos revela a necessária integração entre os saberes, reforçando, portanto, a ideia de política contida na observação dos fenômenos.

Mesmo que contenha uma orientação voltada para a prática de ensino a partir da prática do trabalho de campo como recurso pedagógico, Silva (2002) deixa claro que o trabalho de campo possibilita o aguçamento da observação investigativa, resultando na transformação do conhecimento objetivo em conhecimento conceitual, e isso se dá, segundo a professora, por uma ação compartilhada entre o professor e os alunos. Silva (2002) ainda acrescenta:

O trabalho de campo constitui-se um instrumento fundamental para essa "leitura", por meio da qual se desvenda o entorno e se estabelece a mediação entre o registro, o conhecimento já sistematizado e informado e o seu significado, auferido através de um processo dinâmico e dialético para o entendimento da realidade, especialmente naquilo em que ela se apresenta como "inexplicável", por isso mesmo instigadora (SILVA, 2002, p. 62).

O trabalho de campo integrado desenvolvido no âmbito da estrutura curricular do curso de bacharelado em Geografia da Unifesspa permite ser compreendido a partir do que Silva (2002) nos revela, visto que a possibilidade do encontro entre as escalas geográficas regional e local se faz real na medida em que diversos registros feitos são possíveis ante a uma constante relação dialógico-constructiva entre os professores e a turma. É o que Alentejano e Rocha-Leão (2006) afirmam sobre a importância da prática de observação da paisagem como um exercício dinâmico do espaço geográfico.

Para Alentejano e Rocha-Leão (2006), a redução da observação da paisagem esvazia o sentido real do trabalho de campo em Geografia na medida em que elava a empiria à condição de verdade, ao passo que a dimensão teórico-conceitual fica em segundo plano, como se fossem coisas antagônicas ou disruptivas. Para eles:

“(…) um trabalho de campo limitado ao nível da paisagem não nos permite uma compreensão da espacialidade do modo de produção capitalista. A paisagem configura-se como primeiro elemento da leitura do real, aparência do espaço geográfico (...) (ALENTEJANO E ROCHA-LEÃO, 2006, p. 57)”.

A realidade de São Félix do Xingu, sudeste do Pará, nestes moldes, proporcionou a todos uma observação mais detida do conceito de agricultura comunitária, entendida aqui sob diversos aspectos geográficos, sem desatar dos laços conflituosos pelos quais as famílias dos pequenos produtores frequentemente passam. A base comunitária agrícola de São Félix do Xingu avança no conceito de agricultura comunitária por meio dos SAFs, os sistemas agroflorestais. Eis um ponto empírico-conceitual necessário para a compreensão da realidade de uma fração regional amazônica.

O Poder dos Sistemas agroflorestais a partir do esforço da comunidade produtora rural

Discussões sobre preservação ambiental, sustentabilidade, princípios ecológicos e conservação do solo têm se tornado uma pauta frequente entre as instituições, sejam elas acadêmicas ou as que pertencem às estruturas do Estado. A criação de estratégias para a produção e distribuição de alimentos vem sendo fomentada por meios de políticas dos programas do governo, das ONGs e, até mesmo, das iniciativas privadas. Como proposta para a necessidade a uma maior conscientização sobre práticas agrícolas sustentáveis e integrada à conservação ambiental, surgem os Sistemas Agroflorestais (SAFs) e os quintais agroecológicos.

O novo código florestal, sob a lei federal 12.651/2012 (BRASIL, 2012), estabelece diretrizes para a preservação da vegetação nativa no Brasil. Em seu terceiro parágrafo e incisos, a lei prevê os parâmetros para realização do plantio de espécies nativas, exóticas e frutíferas em sistemas agroflorestais. Essas diretrizes incluem a diversidade de espécie, a minimização do impacto ambiental e uso sustentável dos recursos, promovendo a conservação do solo, da fauna, da flora e recurso naturais.

Os SAFs representam uma forma sustentável de produção de alimentos que, ao mesmo tempo, fornecem uma série de benefícios ambientais essenciais para a saúde dos ecossistemas e para o bem-estar humano a longo prazo. De acordo com Schuler et al. (2022), os serviços ecossistêmicos provenientes da agrofloresta ecológica no Brasil são amplamente reconhecidos pela sua contribuição à sustentabilidade ambiental e à melhoria da qualidade de vida das comunidades rurais.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) define SAFs como sistemas produtivos análogos ao ecossistema naturais, em que árvores exóticas ou nativas são consorciadas com culturas agrícolas, trepadeiras, forrageiras, arbustivas, de acordo com um arranjo espacial e temporal pré-estabelecidos, com alta diversidade de espécies e interações entre elas (EMBRAPA, 2022). Essa estratégia surge como contrapartida para a recuperação ambiental de áreas degradadas ou de uso sustentável, visto que otimizam o uso da terra e conciliam a preservação ambiental com a produção de alimentos. Os SAFs são permitidos em Áreas de Reserva Legal (ARL) e em Áreas de Preservação Permanente (APP) de pequenas propriedades ou posse rural familiar.

Para além do conceito técnico, Wandelli (2013, p. 2) explica os Sistema Agroflorestais como uma “agricultura na forma de floresta, que visa a soberania alimentar, geração de renda, serviços ambientais e bem-estar humano”. Ainda de acordo com as ideias de Wandelli (2013), o SAF é a interação e o manejo dinâmico dos recursos naturais, como base nos princípios ecológicos de sustentabilidade. A incorporação de árvores na propriedade e na paisagem diversifica e sustenta a produção, gerando benefícios sociais, econômicos e ambientais.

Em concordância com a ideia anterior, Mukhin et al. (2022, p. 5) debatem que “as agroflorestas podem estimular a atividade sociocultural entre os adotantes, podendo discutir o método de cultivo, a escolha de espécies de árvores ou a variedade de culturas, o manejo de fertilizante e assim por diante”.

Andrade e Alves (2013) corroboram a ideia do fortalecimento das relações por meio dos trabalhos conjuntos em comunidade, ao destacarem o cooperativismo como uma estratégia eficaz para superar de desafios e fortalecer de diversas atividades produtivas. Segundo as autoras, o cooperativismo não apenas pode contribuir para a conquista de melhores resultados, mas também facilita a inserção e participação mais ativa na economia.

Na Amazônia brasileira, a prática de combinar árvores com cultivos agrícolas e/ou com atividades pecuárias ocorre há bastante tempo, apresentando benefícios econômicos que podem aliviar a pobreza, conforme destacado por Brienza Junior et al. (2009). Em seu trabalho, os autores analisam o período entre as décadas de 1980 a 2005 e destacam o aumento das pesquisas sobre essa temática, abordando as limitações agrônômicas relacionadas à tipo de solo, clima e potencial de tecnificações. Observando as condições ecológicas da região amazônica, destacam ainda as principais atividades que estão associadas aos SAFs, como os sistemas silviagrícolas, silvipastoris e agrossilvipastoris, que conferem um caráter dinâmico aos sistemas agroflorestais.

As principais espécies empregadas nos SAFs, incluem uma variedade de espécies exóticas e sobretudo, nativas, totalmente adaptadas ao clima e ao solo amazônico. Essa diversidade abrange árvores frutíferas, como o açaí, o cupuaçu, a pupunha, a banana, a goiaba, o cacau e outras, além de incorporam árvores de espécies madeireiras, como o mogno, a andiroba, o paricá, a castanha-do-pará entre outras.

Outra proposta para a produção de alimentos de forma sustentável são os quintais agroecológicos, pois exigem uma área de plantio menor e estão geralmente localizados próximos às residências. Essa forma de cultivo se destaca pela alta diversidade de espécies, incluindo hortaliças, frutas, ervas medicinais e plantio ornamentais. O foco principal é a produção de alimentos e de outros produtos de uso diário para consumo familiar, promovendo a segurança alimentar e a sustentabilidade.

Em São Félix do Xingu, no Pará, a Associação das Mulheres Produtoras de Polpa de Fruta (AMPPF) atua de forma associativa com a Cooperativa Alternativa Mista dos Pequenos Produtores do Alto Xingu (Camppax). Fundada em 2012, graças aos esforços da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar no Alto Xingu (Adafax), a AMPPF é totalmente administrada por mulheres. Seu principal objetivo é a produção artesanal de polpa de frutas cultivadas nos quintais agroecológicos das produtoras das comunidades de Maguary, Tancredo Neves e Nereu (Imaflora, 2019). As produtoras trabalham em cooperativismos para transformar frutas regionais em polpas, contribuindo não apenas para a sua própria sustentabilidade econômica, mas também para fortalecer a agricultura familiar na região do Alto Xingu. Essa iniciativa não apenas promove a autonomia econômica das mulheres envolvidas, mas também valoriza práticas sustentáveis e o uso dos recursos naturais de forma consciente, incentivando a produção local e o consumo de alimentos saudáveis e de qualidade, fortalecendo, sobremaneira, o uso sustentável do território.

Os exemplos citados anteriormente apontam claramente para a ideia de que as agroflorestas e os quintais agroecológicos, não apenas são excelentes instrumentos de conservação e uso sustentável da terra, mas também representam uma importante fonte de renda para as famílias do campo. O que é produzido para subsistência, pode ser comercializado em feiras de pequenos produtores e cooperativas das quais são associados, contribuindo para a economia local, bem como gera circuitos de solidariedade espacial entre os agentes produtores do espaço rural.

Nessa cadeia de produção, as cooperativas exercem uma função fundamental ao intermediar a base agrícola comunitária e a base comercial. Moraes e Schwab (2019) apontam que as cooperativas têm o papel crucial na regularização do caráter informal da comercialização da produção agrícola dos pequenos produtores rurais. Através da cooperativa, os pequenos produtores podem acessar mercados, assistências técnicas e políticas governamentais, ampliando, por fim, suas redes, bem como ressignificando a região na qual estão inseridos.

A cooperativa Campaxx, em São Félix do Xingu, não apenas organiza comercialmente os pequenos produtores que compõem a base da cadeia de produção, mas também possibilita o acesso a políticas governamentais, suporte técnico e comercialização dos produtos. Um aspecto crucial observado em campo é como a articulação entre os diferentes atores dessa cadeia produtiva tem fortalecido o senso de comunidade entre os associados e aumentado sua presença comercial no mercado, mesmo que em escala municipal. Novamente, o território é requalificado, sendo, desta vez, marcado pelos laços de solidariedade socioespacial.

Wanderlli (2013), Moraes e Schwab (2019) apontam que os programas governamentais têm aumentado a demanda por produtos regionais. Esses autores argumentam que esse crescimento se deve pelo surgimento de feiras de comercialização direta, de políticas de fornecimento de merenda escolar com produtos diretamente do campo, e pela regionalização da merenda escolar. Iniciativas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) têm desempenhado um papel fundamental nesse processo.

Moraes e Schwab (2019) ainda explicam que as cooperativas surgem da necessidade de organização e da comercialização de produção das famílias associadas. Essa rede de produção e comercialização, com seus diversos atores atuando de forma articulada, possibilita a permanência das famílias na agricultura, além de fortalecer sua relação com terra.

A interação articulada entre as cooperativas, movimentos sociais, governo e produção de base familiar resultam em uma melhora na organização da cadeia de produção rural de alimentos. Isso contribui de forma positiva para a manutenção de renda, para a melhoria das condições de vida e para a inclusão social dos associados.

Andrade e Alves (2013) debatem em sua pesquisa as vantagens e desafios enfrentados por agricultores familiares da cidade de Rubiataba, no estado de Goiás. É possível perceber semelhanças nos obstáculos enfrentados pelas famílias agricultoras em São Félix do Xingu, como estrada em péssima qualidade (tanto as rodovias quanto as vicinais), travessia de rio por meio de balsa, falta de assistência técnica e escassez de incentivos para o desenvolvimento da atividade produtiva.

Apesar do esforço conjunto e articulado, os pequenos produtores ainda enfrentam muitos desafios em suas atividades devido à alta exigência do mercado. Eles competem com grandes empresas oligopolistas que dominam o setor, possuindo acesso a instalações com condições sanitária padronizadas, altos investimentos em tecnologia de produção, extensas áreas de cultivos e redes de transporte para distribuição da produção (MORAES e SCHWAB, 2019).

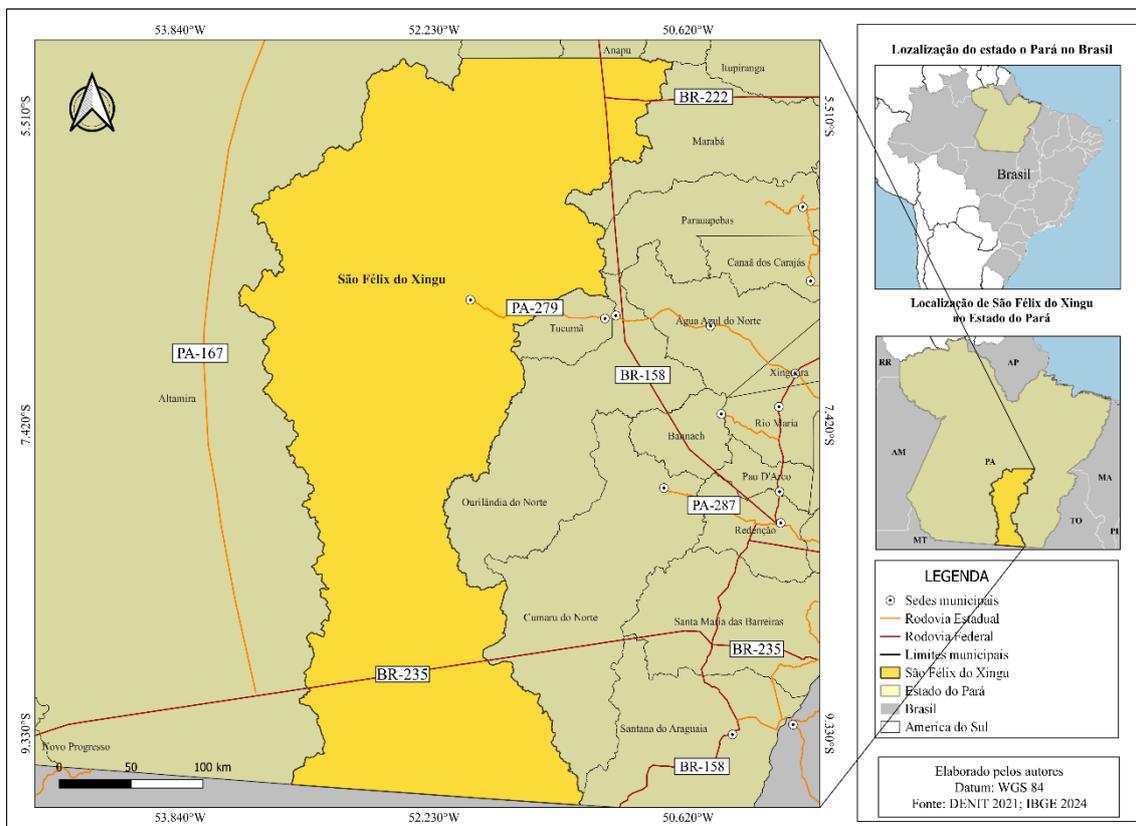
No entanto, Schubert; Niederle (2011, p. 2011) destacam que, “apesar de um contexto absolutamente adverso em termos de mercado, a agricultura familiar tem encontrado meios para fazer frente aos imperativos técnicos e econômicos definidos pelos novos impérios alimentares”. Desta forma, essas ações coletivas através dos movimentos socioterritoriais, não apenas reivindicam territórios, mas também os constroem através de relações sociais e políticas, com o objetivo de transformar a realidade geográfica e social, como debatido por Fernandes (2005).

A base comunitária agrícola da zona rural de São Félix do Xingu se pauta – em grande medida – nos SAFs, isso é um fato que prova que o uso de tecnologia social não se vale, necessariamente, do incremento moderno como instrumento primaz na condução dos trabalhos; portanto, na produção da terra. Tal realidade, sob um dos prismas da Geografia, só foi possível observar mediante à prática do trabalho de campo integrado.

A realidade da base comunitária agrícola de São Félix do Xingu sob a ótica do Trabalho de Campo Integrado em Geografia

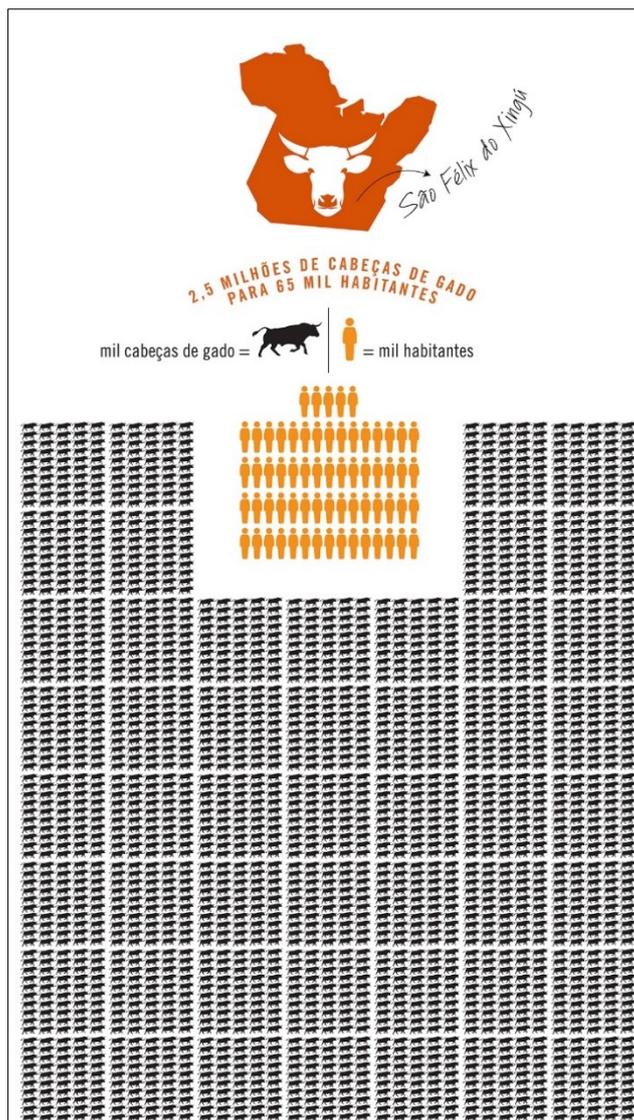
Conhecido por ser um dos maiores municípios em extensão territorial do país, São Félix do Xingu também possui um dos maiores rebanhos bovinos do Brasil (Piuaí, 2023). As figuras 1 e 2 ilustram, de um lado, a dimensão territorial do município em comparação com as escalas do território paraense e brasileiro, e, de outro, a relação da população humana – cabeças de gado:

Figura 1. Mapa da localização do município de São Félix do Xingu-PA.



Fonte: BRASIL, 2021; IBGE, 2024. Elaborado pelos autores.

Figura 2. Ilustração da proporção população humana – população bovina em São Félix do Xingu-PA.



Fonte: Revista Piauí, nov/ 2023.

Ainda que a figura 2 seja por demais representativa de uma realidade bastante taxativa e, por óbvio, factível, as atividades do Trabalho de Campo Integrado se desenvolveram – majoritariamente – na zona rural do município de São Félix do Xingu, especificamente na Comunidade do Xadá, contrapondo peculiaridades socioespaciais típicas de uma unidade local do Sul do Pará.

Havia, nestes termos, a necessidade de confrontar a dimensão conceitual traçada previamente *a priori* fora dos domínios de São Félix. Em outras palavras, a dimensão real do TCI em Geografia expôs e contrapôs as dimensões concebida, vivida e percebida do espaço geográfico (LEFEBVRE, 2013). Tal atitude – na transcorrer do próprio trabalho se fez necessária a fim de validar ou não hipóteses levantadas tais como: a) Ser São Félix um município majoritariamente dependente de uma economia rural e homogênea baseada no agronegócio (pecuária de corte); b) São Félix possuir uma estrutura alternativa à economia agro, baseada nos princípios de solidariedade econômica e que – dentro de um tempo lento – conseguiu se firmar no mercado intra e inter-regional.

Durante o trabalho de campo integrado no município de São Félix do Xingu, a visita à Cooperativa Campmax no primeiro dia revelou detalhes cruciais sobre o papel das

cooperativas no desenvolvimento econômico local. A Camppax, localizada no Alto Xingu, é uma cooperativa formada por pequenos produtores rurais da região, especialmente da comunidade Xadá. A visita à cooperativa nos forneceu uma visão prática sobre como a cooperativa se insere no contexto geográfico e econômico da região.

A cooperativa desempenha um papel vital na comunidade Xadá, oferecendo suporte técnico essencial que ajuda os agricultores a adaptarem suas práticas às condições específicas do solo e do clima amazônico. Essa assistência técnica é crucial para maximizar a produtividade das pequenas propriedades rurais na região, que enfrentam condições adversas. Um dos aspectos de 'resiliência espacial' observados durante o TCI e que nos mostrou a dimensão oposta ao grande volume da economia típica da agropecuária do município tem a ver com os treinamentos fornecidos pela Camppax, sendo esse *modus operandi* fundamental para melhorar a qualidade dos produtos e para aumentar a eficiência das atividades rurais. A figura 3 – em forma de montagem – ilustra – de forma simples – a essência de todo o esforço para qual se volta a cooperativa:

Figura 3. Fachada Central da Camppax com fotomontagem da amêndoa de cacau, castanha-do-pará e das folhas de jaborandi.



Fonte: os autores, Trabalho de Campo Integrado, jun/2024.

A amêndoa de cacau assume, em São Félix do Xingu o protagonismo advindo da produção dos SAFs feitos pelas famílias produtores dessa iguaria. Segundo o presidente da cooperativa, o cacau é a segunda maior fonte de renda da cidade de São Félix do Xingu, ficando atrás apenas da agropecuária. A Camppax tem recebido diversos prêmios relacionados à produção de cacau e chocolate, e está empenhada em patentear e produzir seu próprio chocolate, o que beneficia ainda mais a região e as famílias associadas. A cooperativa também possui importantes parcerias dentro e fora do estado, incluindo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que facilita o diálogo com as famílias associadas.

É evidente que tudo o que é produzido pelas famílias associadas é coletado pela cooperativa, ressaltando a importância da Camppax como um elo essencial entre os pequenos produtores e o mercado mais amplo. Esse modelo cooperativo não apenas fortalece a economia local, mas também promove práticas sustentáveis na região do Alto Xingu.

O relato descrito no parágrafo anterior nos mostra uma forma de produção econômica que circula a mercadoria – cacau – fora de parâmetros similares aos circuitos: marginal superior e superior, os quais já descritos na forma da ‘teoria dos circuitos da economia urbana’, de Milton Santos (SANTOS, 2002). Esse aspecto foi crucial na tomada da observação sistemática de campo feita durante o trabalho pelo fato de que expôs uma clara desigualdade no tempo da produção entre os proprietários de grandes terras contra os pequenos produtores, sendo esses últimos produtores que só conseguiam efetivar seus excedentes por meio de laços comunitários.

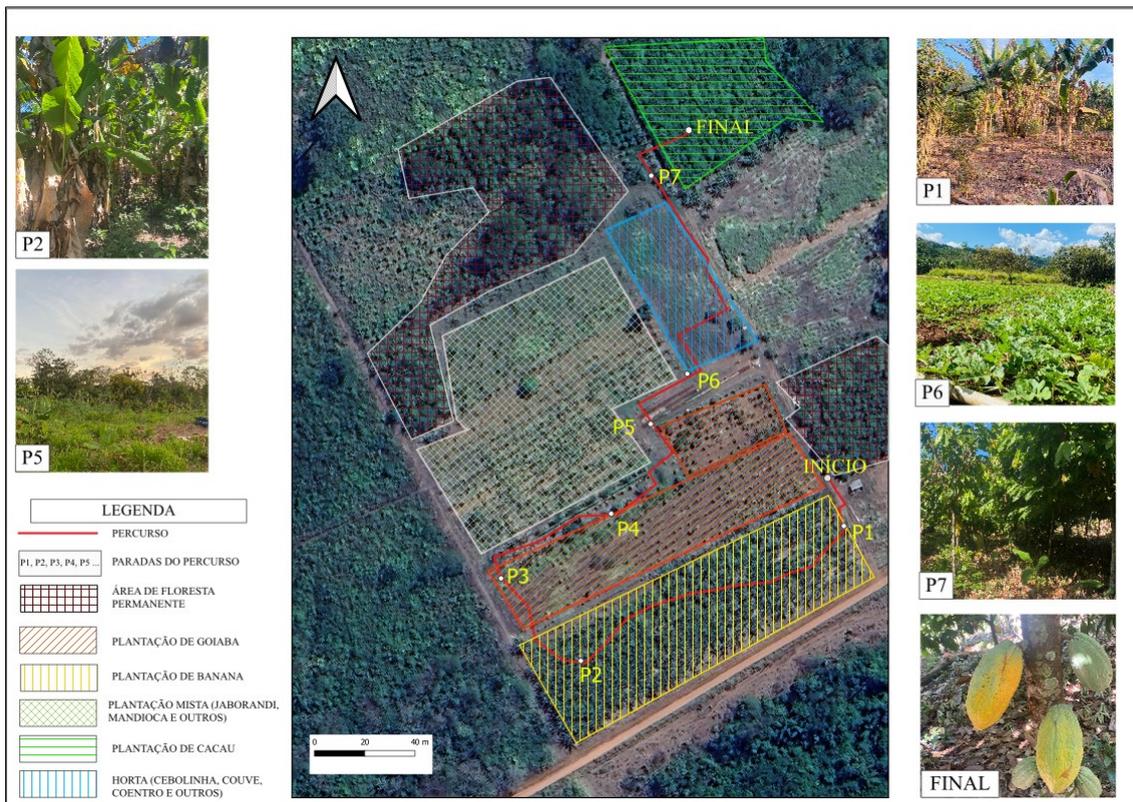
Ainda no que se refere aos aspectos desigualdades da relação homem-terra, em visita a uma das produções familiares, observou-se, por meio de relato do produtor, como o trato do solo se dava de forma divergente, considerando, de um lado, Seu Elias, pequeno produtor e utilizador de um tipo de produção mais orgânica; de outro, seu vizinho, típico monocultor. O relato de Dona Neli, esposa de Seu Elias reflete, de forma objetiva a relação de desvantagem para os pequenos produtores:

Não consigo mais cultivar minhas hortaliças devido à alergia. Todas as vezes que vou para a lavoura, tenho que voltar às pressas porque meu corpo incha devido ao veneno que eles aplicam. Deixo de vender na feira, lá na cidade porque não posso vender para os outros (Informação oral, jun/2024).

A alergia à qual a pequena produtora se referiu diz respeito ao forte despejo de veneno feito por aviões particulares na propriedade vizinha à dela. Se tomarmos a ideia de território como recurso e como abrigo (HAESBAERT, 2004), observamos uma nítida acepção do termo materializadas de formas distintas por sujeitos com funções sociais igualmente distintas.

Em outra propriedade rural, de Seu Damião e Dona Roseli, as observações feitas no trabalho de campo nos permitiram observar níveis de organização produtiva resultantes de ações coordenadas entre agentes produtores da terra, Comissão Pastoral da Terra – CPT e a própria Camppax. Conhecimento da terra associado com técnicas de cultivo não prejudiciais ao solo resultaram em produtividade com qualidade, requalificando a relação sociedade – natureza. A figura 4 nos mostra – de forma sintética – como os pequenos produtores realizam a transformação do espaço rural:

Figura 4. Fragmento de produção de policulturas na Comunidade de Xadá, em São Félix do Xingu-PA.



Fonte: os autores, Trabalho de Campo Integrado, jun/2024.

O mosaico acima pode ser sistematizado após imersão em parte do TCI na propriedade familiar já supracitada. O interessante notar – para além da policultura – é que a dimensão fenomênica – largamente tratada de forma conceitual na literatura geográfica – pode ser constatada *in loco* mediante à observação sistemática em campo. Novamente, Racine, Raffestin e Ruffy (1983) nos são úteis neste momento pelo fato de que, para esses autores, no que se refere à escala, não se pode tomar uma avaliação do objeto a ser observado de forma qualquer sem levar em consideração a forma da escala. Ainda para esses mesmos autores:

Nós nos sentiríamos até tentados a propor, como uma regra de ordem muito geral, que a probabilidade que uma dispersão uniforme tem de se transformar em dispersão, apresentando formas de grupamento ou de concentração, aumenta na medida em que se amplia a escala do estudo, a diminuição progressiva da escala aumentando a probabilidade de homogeneidade do espaço estudado e, por sua vez, esta homogeneidade comandando formas de grupamento no interior da dispersão dos pontos. A questão que se coloca então é saber se, ao passar de uma escala a outra, as modificações na natureza ou na medida da dispersão serão previsíveis. Na maior parte dos casos, a tendência à homogeneidade cresce na razão inversa da escala. Isto é válido tanto para a escala cartográfica quanto para a escala geográfica, sendo esta última estruturada por abstrações sucessivas (RACINE, RAFFESTIN e RUFFY, 1983, p. 125).

Ao se tomar a realidade de São Félix do Xingu, no que diz respeito à Comunidade de Xadá, na Zona Rural do Município, o que Racine, Raffestin e Ruffy (1983) alegam é que a generalidade dos processos socioeconômicos sempre vai esbarrar no próprio movimento das coisas e das pessoas, ou ainda, do que elas reproduzem em seus territórios. É interessante notar que as dimensões produtivas observadas durante o TCI também confirmam a mesma tese dos autores ao não restringir a economia de São Félix do Xingu a uma típica economia

do agronegócio. Tal análise só é permitida, nestes termos, pelo exercício prático de um trabalho de campo de Geografia.

Conclusão

O filósofo Michel Maffesoli, em sua obra “O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas” (MAFFESOLI, 2003), discute o sentido das aparências mediante à ideia do que vem a ser relativo. Para ele, um dos sentidos da aparência é que ela é marcada por uma multiplicidade de elementos. Isso, segundo o autor, só pode haver um fato se houver a sinergia entre os pontos (entre as partes). Tal assertiva parece-nos um convite para compreender que a aparência da economia de São Félix do Xingu mostra a todos não ser limitada a um tipo de circuito econômico-social e que, da mesma forma, impacta a natureza apenas por uma via.

A observação e constatação de uma economia baseada no extrativismo vegetal em São Félix feita por pessoas fora do circuito das economias de escala – típicas de uma agricultura moderna (ELIAS, 2023) – só foi possível mediante ao desenvolvimento do trabalho de campo como ferramenta necessária na formação do bacharel em Geografia pela Unifesspa.

Pelo TCI realizado em São Félix do Xingu, constatou-se que os SAFs são estratégias de manejo da terra que surgiram como uma resposta às limitações dos sistemas agrícolas convencionais. Eles são projetados para integrar árvores, culturas agrícolas e, às vezes, animais em uma mesma área, buscando maximizar os benefícios econômicos, sociais e ambientais. Esses sistemas são especialmente relevantes em contextos em que a agricultura convencional pode enfrentar desafios como erosão do solo, perda de biodiversidade, escassez de água e impactos negativos sobre a saúde do solo. Além disso, os SAFs contribuem significativamente para a conservação da biodiversidade, proporcionando habitats para uma variedade de espécies vegetais e animais. Eles também ajudam a conservar o solo ao melhorar sua estrutura e fertilidade, através da ciclagem de nutrientes e da fixação de nitrogênio por leguminosas associadas. Em suma, os SAFs representam uma abordagem inovadora e integradora para a agricultura sustentável, que não apenas visa aumentar a produtividade agrícola, mas também promover a sustentabilidade ambiental e a inclusão social nas comunidades rurais.

O exposto neste trabalho assume uma função social de dupla característica: a primeira delas é que a proposta de trabalho de campo integrado do curso de bacharelado em Geografia da Unifesspa nos dá a certeza de que o encontro entre as escalas conceitual e real é nutrido incessantemente pela prática fora dos domínios acadêmicos. De outra forma, poder-se-ia dizer que a Academia (e todo o universo filosófico, artístico, científico, bem como o administrativo) se amplia em ambientes não universitários, afinal, como afirma Lencioni (2008), em que, entre outros aspectos, discute sete observações sobre o que vem a ser um conceito. Na primeira observação, a autora afirma que os conceitos são exercícios sobre o real, sendo o real algo que existe independente do que a sociedade pensa sobre ele. Esse pensamento recai adequadamente sobre a realidade econômico-social de São Félix do Xingu e só pôde ser constatada mediante à prática do Trabalho de Campo Integrado.

A segunda característica tomada do TCI é motivada pelo movimento das coisas, das pessoas e das ideias. Posto isso, compete ao geógrafo compreender que o trabalho de campo é uma ferramenta sem a qual a episteme da Geografia não avança, portanto, não se renova. A base de um trabalho de campo está para além do império pragmático do conhecimento. Está, nos dizeres de Claval (1987), na curiosidade.

Referências

- AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 7ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALENTEJANO, Paulo; ROCHA-LEÃO, Otávio. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim paulista de geografia**, n° 84, 2006, p. 51-67.
- AZAMBUJA, Leonardo. Trabalho de campo e ensino de geografia. **Geo-sul**. Florianópolis, v. 27, n° 54, jul-dez/2012, p. 181-195.
- BRASIL. **Lei n° 12.651, de 25 de maio de 2012**. Presidência da República – Casa Civil, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 2 ago.2024.
- BRASIL. **Ministério dos transportes**: banco de informações de transportes. Brasília – DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/dados-de-transportes/bit>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- CASTRO, Iná. O problema da escala. In: CASTRO, Iná; CORRÊA, Roberto; GOMES, Paulo. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 117-140.
- CASTRO, Iná. Escala e pesquisa em geografia: problema ou solução? **Espaço Aberto**: PPGG – UFRJ, v. 4, n°1, 2014, p. 87-100.
- CASTRO, Iná. **Geografia do homem**: cultura, economia e sociedade. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confin**, v. 17, n° 17, 2013, p. 1-26.
- CRUZ, Hildemberg; SABLAYROLLES, Philippe; KANASHIRO, Milton; AMARAL, Manuel; SIST, Plínio. **Relação empresa/comunidade no contexto do manejo florestal comunitário e familiar**: uma contribuição do projeto floresta em pé. Belém: Ibama/ DBFLO, 2011.
- DE MARCOS, Valéria. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim paulista de geografia**. São Paulo, n° 84, 2006, p. 105-136.
- DI MAURO, Cláudio. Aziz Nacib Ab'Sáber um ser político. In: MENDONÇA, Francisco; CLAUDINO-SALES, Vanda de (Orgs.). **Aziz Nacib Ab'Sáber**: ciência, meio ambiente e cidadania (uma homenagem ao mestre!). Curitiba: CRV/ SBPC, 2024, p. 75-94.
- ELIAS, Denise. Formas-conteúdo e nós do agronegócio no Brasil: reflexões para debate. **Geouerj**, Rio de Janeiro, n. 43, 2023.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 6, p. 14-34, jan.jun. 2005. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1460>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- GRATALOUP, Christian. Os períodos do espaço. **GEOgraphia**, ano VIII, n° 16, 2006, p. 31-40.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos tempos à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**: malha municipal. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 16 de agosto de 2024.
- IMAFLOR. **Mulheres do campo criam associação para comercializar polpa de frutas, Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.imaflora.org/noticia/mulheres-do-campo-criam-associacao-para>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- JUNIOR, S. B., Maneschy, R.Q., Júnior, M. M., Gazel Filho, A. B. Yared, J. A. G, Gonçalves, D., & Gama, M.B.G.B. Sistemas agroflorestais na Amazônia brasileira: análise de 25 anos de pesquisas. **Pesquisa Florestal Brasileira**, n.60, p. 67-76, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Captán Swing, 2013.
- LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. **Geosp**: espaço e tempo. São Paulo, n° 24, 2008, p.109-123.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

- MIRANDA, Rogério. Territorialização do MST no sudeste paraense a partir da construção dos projetos de assentamentos. **Revista Campo-Território**: revista de geografia agrária, v. 16, n° 40, p. 1-30, abr/2021.
- MORAES, Jorge Luiz Amaral; SCHWAB, Patrícia Inês. O papel do cooperativismo no fortalecimento da agricultura familiar. **Revista do Cepe**, Santa Cruz do Sul, n. 49, p. 67-79, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/index>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- MUKHLIS, Imam; RIZALUDIN, Muhammad Syamsu; HIDAYAH, Isnawati. Understanding Socio-Economic and Environmental Impacts of Agroforestry on Rural Communities. **Forests, Basel**, v. 13, n. 556, p. 1-13, mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/f13040556>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- RACINE, Jean-Bernard.; RAFFESTIN, Claude.; RUFFY, Victor. Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, ano 45, n° 1, jan/mar, 1983, p. 123-136.
- REVISTA PIAUÍ. **Cidade com maior rebanho bovino do Brasil, São Félix do Xingu tem 38 bois por habitante**. Disponível em: <http://www.piaui.folha.uol.com.br>. Acesso em: 9/ago/2024.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- SCHUBERT, M. N.; NIEDERLE, P. A. A competitividade do cooperativismo de pequeno porte no sistema agroindustrial do leite no oeste catarinense. **IDeAS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.188-216, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://r1.ufrj.br/cpda/ideas/ojs/index.php/ideas/article/view/102>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- SCHULER, Hanna R.; ALARCON, Gisele G.; JONER, Fernando; DOS SANTOS, Karine Louise; SIMINSKI, Alexandre; SIDDIQUE, Ilyas. Ecosystem Services from Ecological Agroforestry in Brazil: A Systematic Map of Scientific Evidence. **Land**, v. 11, n. 1, p. 83, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/land11010083>. Acesso em: 9 de jul. 2024.
- SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n° 84, 2006, p. 7- 24.
- SILVA, Ana. Trabalho de campo: prática “andante” de fazer geografia. **Geouerj**, n° 11, 2002, p. 61-74.
- SILVA, Juliana; SILVA, Mírian; VAREJÃO, José. Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia. **Vértices**. Campo dos Goytacazes-RJ, v. 12, n°3, set/dez, 2010, p. 187-197.
- WANDELLI, Elisa Vieira; ARAÚJO, Indramara; ANDRADE, Edinete Castro. Agroflorestas – a opção agroecológica para a sustentabilidade agrícola na Amazônia. In:
- SANAIIOTTI, Tânia Margarete; SILVA, Francisca Helena Aguiar da; PINTO, Ivany Pereira (Orgs.). **Criação de animais silvestres**: livro de resumos da X Mostra de Ciências da Vila Amazônia. Manaus: Inpa, 2013. p. 6-17.

Contribuição dos autores

Conceitualização: SERRA, H.; MOTA, R. Curadoria de dados: MOTA, R. Análise formal: SERRA, S.; MOTA, R. Aquisição de financiamento: Não aplicável. Investigação: SERRA, H.; MOTA, R.; SILVA, B.; SANTOS, E.; Metodologia: SERRA, H.; MOTA, R.; SILVA, B.; SANTOS, E. Administração do projeto: Não aplicável. Recursos: Faculdade de Geografia/ Unifesspa. Software: Qgis. Supervisão: Não aplicável. Validação: SERRA, H.; MOTA, R.; SILVA, B.; SANTOS, E. Visualização: SERRA, H.; MOTA, R.; SILVA, B.; SANTOS, E. Escrita – rascunho original: SERRA, H. Escrita – revisão & edição: SERRA, H.; MOTA, R.

Base de dados

Não se aplica

Financiamento

Faculdade de Geografia- Instituto de Ciências Humanas/ Unifesspa.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Aprovação do conselho de ética

Não se aplica.

Agradecimentos

Aos produtores rurais da Comunidade Xadá, Zona Rural de São Félix do Xingu, que se dispuseram a receber a equipe de professores e alunos durante o desenvolvimento do Trabalho de Campo Integrado.
